

do regime imperial — eram os mártires da Inconfidência, os revolucionários de Pernambuco de 1817, 24 e 48, os fundadores da República de Piratini e os vencidos de Santa Luzia”⁽¹²⁹⁾. A *Atualidade*, lançada, em 1858, na Corte, por Lafaiete Rodrigues Pereira, Pedro Luís e Flávio Farnese, a que se ligara também Teófilo Otoni, encontraria grande receptividade, anunciando os novos tempos. Não temia inovações, além de tudo: foi o primeiro jornal vendido avulso nas ruas. Algumas dezenas de negros-minas, escravos ou ex-escravos do negociante Porto, residente à rua dos Arcos, foram os primeiros jornaleiros cariocas. Joaquim Nabuco, em 1867, em S. Paulo, fundara a *Tribuna Liberal*, para defender as novas idéias que inquietavam a mocidade, encontrando colaboradores nos acadêmicos Salvador de Mendonça, Ferreira Braga, Leôncio de Carvalho, Martim Cabral, Monteiro de Barros, Pereira de Campos e Clímaco Cesarino. Mendonça passaria, nesse mesmo ano, a dirigir O *Ipiranga*, órgão do partido liberal, com Ferreira de Menezes mais tarde, quando passavam à oposição os velhos quadros liberais, Francisco de Souza Queiroz, Ramalho, Carrão, o barão de Limeira, Crispiniano Soares, José Bonifácio, Martim Francisco, Antônio Carlos, Bernardo Galvão, Américo Brasiliense. Os redatores trabalhavam com armas de fogo ao lado de suas mesas. Martim Francisco ditava o editorial a Lúcio de Mendonça, de catorze anos. Iniciava no jornal as suas ardorosas campanhas contra a escravidão e contra o clericalismo, o jovem Luís Gama. As brasas começavam a soltar centelhas. O fim da estagnação se aproximava. Mas não se trata, então, na imprensa como na política, de ascensão contínua, de linha sem interrupções, mas de sinuoso caminho, pontilhado de recuos, de derrotas: ainda em 1867, com a ida de Saldanha Marinho para Minas e de Quintino Bocaiuva para os Estados Unidos, desfaz-se a redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Machado de Assis também abandona o jornal. Passa a fazer parte do *Diário Oficial*, onde permanecerá até 1874.

No fim da segunda década da última metade do século XIX, as alterações na fisionomia do país começam a avultar e manifestam-se em acontecimentos políticos. Da Maioridade à Conciliação tudo fora sem tropeços para o latifúndio escravista, superada a grave crise da Regência; a esquerda liberal fora esmagada; as rebeliões provinciais reprimidas com inaudita violência. Os anos cinquenta anunciam o auge do poder imperial, que removeu todos os obstáculos e não receia que reapareçam: a imprensa reflete a estagnação dominante. Mas os anos sessenta começam a denunciar mudanças: a crise de 1857 repete-se em 1864, em circunstâncias ainda

(129) Carlos Sussekund de Mendonça: op. cit., pág. 41.